

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

O FAZER ARTÍSTICO NA PSICANÁLISE E NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Guilherme Notário Martins (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Marco Antônio Rotta Teixeira (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: guilhermenotmartins@gmail.com

Palavras-chave: Psicanálise. Arte. Sublimação.

Este trabalho pretende discutir, por uma perspectiva psicanalítica, o fazer artístico na arte contemporânea, tendo como seu representante, o artista Ron Athey. Desta forma, questiona-se o envolvimento do artista e seu ato de criar com os processos psíquicos levantados por Freud e Lacan, em torno dos conceitos de desejo e sublimação. Segue-se portanto, a tradicional relação entre arte e psicanálise em toda a história de seu desenvolvimento, assim como aponta Martins (2009, p.115), sobre a capacidade dessa psicologia de conceituar e iluminar o paradoxal, desvelando a importância daquilo que a razão, a princípio, busca erradicar, a ilusão da fantasia humana. Torna-se assim, essencial relevar essas bases psicanalíticas para não ignorarmos aspectos que, de fato, nos tornam humanos, no momento em que, tanto razão, quanto ilusão, envolvem-se em um papel de explicitar o que em nossa experiência se evidencia. Além disso, assim como nos aponta Mezan (2002, p. 324, SIC), na relação entre o pesquisador em psicanálise e a arte, mesmo contendo suas singularidades, seria falso atribuir a esta relação, o afastamento da cultura e do social, portanto, espera-se que as analogias e representações que surgem dessa investigação, dividam as mesmas leis que regem o psiquismo do humano em geral. Busca-se então, nestes pressupostos, a compreensão não somente do fazer artístico contemporâneo do artista em questão, mas do funcionamento das funções psicológicas que regem o processo de criação e sublimação do sujeito. Para tal, delimita-se as visões de pulsão e sublimação em Freud e Lacan, articulando outros elementos que circulam suas obras em torno do tema arte e psicanálise, como os conceitos de desejo, fantasia, Coisa (*das Ding*), Vazio, entre outros.

A compreensão do fazer artístico nestes autores exige voltar-se à noção de pulsão e os demais conceitos que a envolvem. Freud situa a origem das pulsões e do processo de satisfação na infância, em um jogo dos opostos prazer e desprazer. Neste momento, passa a se formar as funções psíquicas e o equilíbrio das tensões do aparelho mental inconsciente. Segundo Martins (2009, p. 30), o prazer tem por objetivo indicar a satisfação do apelo das

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

pulsões parciais (como o lactante ao sugar o seio materno) e o desprazer, de levar a criança à busca de desvencilhamento do incômodo proveniente das pulsões insatisfeitas, construindo assim a dialética entre o seu desejo e a possibilidade de realizá-lo na prática. Portanto, o desejo se encontra na base da pulsão inconsciente para a satisfação prazerosa (sexual) e é neste primeiro contato com a satisfação que se inicia o processo de desejo, satisfação e repetição em torno da imagem mnêmica do objeto de prazer. Este objeto dessa pulsão sexual (libido), por sua vez, passa a ser identificado como um objeto ideal que não pode ser alcançado da mesma forma, tornando-se um objeto perdido, equivalente ao que Freud chama por *das Ding* ou Coisa.

Não obstante, a Coisa possui fundamental importância na relação do sujeito com as representações simbólicas e a formação do núcleo inconsciente, pois são essas representações que proporcionam o investimento no objeto de desejo, ao qual as pulsões irão se descarregar. No entanto, no desenvolvimento da criança, estas representações, em pensamento, não se organizariam sem a constituição de palavras e linguagem, ao qual, segundo Martins (2009, p.51), são capazes de unificar objeto e representação, dando condição para a compreensão de um significado diante de um objeto no momento de sua apreensão. Pelo mesmo viés, Lacan discute a capacidade da linguagem permitir acesso ao inconsciente, no momento em que sua formação se encontra no processo de fixação das pulsões inconscientes à história de constituição do sujeito e este, por sua vez, expõe as mesmas pela linguagem. Para Lacan (1959, p.76) então, o objeto perdido (*das Ding*) ganha mais um sentido, o de centro para o processo adaptativo do sujeito em sua formação simbólica e representativa, proveniente do movimento das pulsões em sua direção, permitindo vinculação com outros objetos. Assim, no processo de criação, o que se busca é o objeto perdido de seu desejo, ao qual teve contato em uma primeira experiência de satisfação, inalcançável depois disso. O que se busca e alcança portanto, é uma ilusão da Coisa.

Tendo em mente a relação entre pulsão e o desejo, pode-se pensar que há diferentes destinos possíveis para a descarga e satisfação deste sistema psíquico. Na perspectiva freudiana, referente à criação, temos o que o autor chama de sublimação. Neste processo, entende-se que a pulsão dirige-se no sentido de uma finalidade sexual, mas sem um alvo ou objeto sexual e sim, um ideal, a Coisa. Dessa forma, a constituição do artista, segundo Freud (1917, p.439), provavelmente consta com um determinado grau de frouxidão nas repressões, possibilitando imensa capacidade de sublimação, além de possuir uma misteriosa capacidade

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

de moldar seu material para que se torne uma imagem fiel de sua fantasia, levantando uma vasta produção de prazer ao representar essa fantasia inconsciente.

Deste perfil entendemos que o artista possui então maior proximidade com seu inconsciente e com seu objeto perdido (Coisa), de uma forma hierárquica. No entanto, ao observar as performances de Ron Athey, o receptor da obra possui um papel fundamental, a ponto de apresentar sua própria ação criativa e satisfazer seus desejos, da mesma forma, mais secretos, sendo convidado também a sublimar. Além disso, das performances de Athey, percebe-se a relação narcísica em seu fazer artístico ao colocar seu próprio corpo como parte da obra, entrando em contato com a mutilação e sexualização do mesmo em um ato “somasoquista”, destacando a retirada da libido do objeto sexual, voltando-se assim para o eu a atingindo outra “espécie de sublimação” descrita na obra *O Eu e o Isso* (1923) de Sigmund Freud.

Lacan aborda a relação entre artista e receptor novamente na linguagem, com o conceito de significante. Sendo este a imagem sonora dos significados e sentidos que damos em nossa linguagem, entende-se que ao formar uma cadeia de significantes, podemos atribuir um sentido que ultrapasse os elementos individuais dessa cadeia, possibilitando a aparição de um sentido independente e “verdadeiro” a partir de uma relação entre emissor e receptor, do qual cada um dispõe de sua própria cadeia de significantes e mesmo assim se encontra entendimento. O mesmo conceito explica a relação de fantasia entre artista e receptores, no momento em que ambos comunicam-se inconscientemente e encontram, apesar de sentidos singulares, também uma unidade de significação ao qual constitui este par. Esta relação destaca-se na obra de Athey “Incorruptible Flesh: Messianic Remains”, na qual os seus admiradores são convidados a participarem com tentação e montarem, por sua vez, a obra, entrando em contato com seu corpo em agonia. Poderíamos então pensar que, neste exemplo, onde ambos os lados se colocam na posição de criação da obra mutuamente, torna-se possível também para um participante, em seu par singular com o artista, se encontrar como tal e sublimar? Como uma das bases filosóficas de Lacan, para Heidegger (1927), a obra de arte possibilita que todos os entes, através da vigência da obra e de sua relação com a abertura da história, venham a ser aquilo que podem ser em sua totalidade, encontrando na arte, o lugar de acontecimento de uma verdade.

Desta noção de totalidade, conceitua-se a partir de Heidegger e conseguinte em Lacan o Vazio. Este conceito provém do movimento de busca da Coisa, no qual afirma Martins

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

(2009, p. 90) que “o sujeito dispõe apenas de suas coordenadas simbólicas fornecidas pelos traços significantes, os quais propiciam uma atividade psíquica de repetição para alcançar a realização do desejo.” O alvo da pulsão então sendo a Coisa, é somente contornado, nunca alcançado, satisfazendo somente parcialmente as pulsões, sustentando a ideia de repetição e buscar por essa ilusão de satisfação sem fim. Assim, segundo Martins (2009), este objeto da falta, gerado ao fim do circuito de satisfação em torno da Coisa, nada mais é do que a presença do Vazio, de um furo ao qual gravitam os significantes-mestres. Entende-se então, que o sujeito deseja, segundo Lacan (1959), “objeto enquanto ausência”.

Portanto, o fazer artístico está fortemente vinculado a este círculo de repetição em torno do Vazio, pois neste o sujeito se aproxima do seu desejo inconsciente e de sua totalidade como ente, por sua vez, aproximando o artista da sublimação. Deste movimento ainda, Freud identifica a pulsão de morte e Lacan a pulsão criacionista, ambas relacionadas a repetição de descarga em torno do objeto perdido. Segundo Lacan (1959), a pulsão criadora proporciona novas relações representativas, sem conservar totalidades, nesse sentido, vê-se esta pulsão como uma “vontade de criação a partir do nada, vontade de recomeçar.”

Ao pensar o fazer artístico então, tanto essas pulsões, quanto a ideia de Coisa se colocam entre um jogo de conduta e desejo, ao qual, pela repressão deste desejo por meio de leis reguladoras, torna-se possível transgredir e sublimar-se, característica intrínseca ao artista. Segundo Martins (2009, p. 104) Lacan contrapõe-se a Freud, ao afirmar que a satisfação articulada entre o artista e a obra no processo de sublimação é exatamente o gozo sexual, afastado de reconhecimento social. Este contraste emergente do diálogo entre os dois autores levanta questões fundamentais para se discutir o fazer artístico do artista contemporâneo e para além, as funções psíquicas do sujeito. Este aspecto, entre outros, demonstram a importante relação que a psicanálise possui com a arte, assim como Laércio dos Santos Martins (2009, p. 115) aponta, os conceitos que Freud desenvolveu e Lacan confirmou, pode nos mostrar a relevância da ilusão que a arte proporciona ante ao vazio insabido que, ao longo de toda vida e, a despeito da idade, cada um de nós procura.”

Finalmente, objetiva-se, por meio de coleta bibliográfica sobre o tema da psicanálise e arte, discutir no campo psicanalítico de Freud e Lacan, os elementos que constituem o fazer artístico em sua articulação com o artista contemporâneo Ron Athey e suas obras, para assim trazer, em um sentido crítico, proposições e hipóteses que possam apontar na direção do desenvolvimento das teorias e conceitos. Podendo assim, avançar as próprias compreensões

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

sobre o fazer artístico na psicanálise e suas limitações sobre o tema, no momento em que parte ao encontro de obras contemporâneas, de cunho corporal e performático.

Referências

FREUD, S. (1917 [1916-17]). **Conferências introdutórias sobre psicanálise.** “Conferência XXIII (Os caminhos da formação dos sintomas)”. vol. XVI.

_____. (1923). **O eu e o isso.** vol. XIX.

HEIDEGGER, Martin. (1988[1927]). **Ser e tempo.** Trad. Marcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Ed. Vozes, 5ª. ed., 1995.

LACAN, J. (1959) **O Seminário 7: a ética da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MARTINS, L. S. O fazer artístico na psicanálise. Data de defesa. 123. Mestrado – Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro, 2009. 121 p.

MEZAN, R. **Interfaces da psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.